

EXERCÍCIOS DA DIVISÃO NAVAL PORTUGUESA: — O submersível "Espadarte" atacando o destroyer "Guadiana" (Composição de Stuart Carvalhae)

2.^a série — N.º 494

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre..... 1820 civ.
Semestre..... 2540 *
ANO..... 4880 *

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, em Paris,
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 9 de Agosto de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, administração, officinas de composição e impressão
RUA DO SECULO, 43

Rifle de Repetição

Calibre .44 Acção Corredida

REMINGTON
UMC



Permite onze tiros, com a vagareza ou rapidez que se deseje. A mão na peça cartreija governa a acção de ejetar pelo lado, e recarregar com cada movimento para trás e para diante. Ceitoso e rapido no campo.

A construção de deposito solido, e clo inviolável REMINGTON-UMC protegem todas as partes que trabalham, tambem protegem o atirador.

Diz-se-se facilmente carrega a cambriada repetidora REMINGTON-UMC calibre .22. Limpa-se pelo deposito.

Acima-se á venda nas principais casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul de Brazil: LEE & VILELA, Caixa Postal 420, São Paulo
No Territorio do Amazonas: OTTO KUHLÉN, Caixa Postal 20 A, Manaus

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA
DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Acções 300.000\$000
Cribações 353.319\$000
Fundos de reserva e de amortização 266.408\$000
Reis 650.319\$000

Sede em Lisboa. — Proprietaria das fabricas do Prado, Marianina e Solreirinho (Tamar), Penedo e Cas; d'Hermilo (Lousã), Vale Mour (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e d'forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do balz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes — *Escritor es e depositos*: LISBOA — 270, Rua da Princesa, 76 — PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51. Endereço telegraphico: em Lisboa e Porto: Companhia Prado, Numero 11 fónico: Lisboa, 605; Porto, 117.



A JOVEM MAGNETIZADORA

Como Ela obriga aos outros a obedecerem á sua vontade

Cem mil exemplares d'este celebre livro (descrevendo as extraordinarias Forças Psychologicas) para serem distribuidos gratuitamente pelo correio aos leitores da «Ilustração Portuguesa»



«O maravilhoso poder de influencia propria, o magnetismo, a fascinação, a subjugação do espirito, de-lhe o nome que quizer, pode e se a gente se adquire por todos, e em um tempo infinitos pelos magneticos», segundo diz o sr. Elmer Elsworth Knowles, autor do livro intitulado «A chave do Desenvolvimento das Forças Ocultas».

O livro expõe claramente factos assombrosos a respeito dos «Ocultos» e descreve o sistema simples, porém eficaz, de subjugar os pensamentos e os atos dos outros: o modo pelo qual se pode vencer o amor e a amizade d'aquelles que por outro modo permaneciam indifferentes: como raptamente e acertadamente julgar o caracter e a paixão dominante de cada individuo: como curar as molestias e costumes os mais rebelles sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou medicamentos quaesquer; acha-se até explicado o assunto complicado sobre a transmissão do pensamento (telepathia). A senhora Josephine Davis, a atriz swedenita, cujo retrato aqui reproduzimos, asseverou que o livro do professor Knowles oferece successo, saude e felicidade a cada alma viva, seja qual for a sua profissão. Ela cre que o professor Knowles já descobriu principos os quaes, universalmente adotados, mudarão por completo o regimen mental da raça humana.

O livro que está sendo distribuido gratis por toda a parte, está repleto de reproduções fotograficas mostrando como estas forcas occultas estão sendo empregadas pelo mundo inteiro e como milhares de milhares de pessoas tem desenvolvido poderes que eles nem sequer sonhavam possuir. A distribuição gratis dos 101.000 exemplares está sendo feita por uma grande instituição londrina, e sera enviado gratis um exemplar a qualquer pessoa a quem isso interessar. Não se pede dinheiro algum: porém, os que desejarem cobrir a verba de portos podem enviar sellos postaes no valor de 3 centavos sendo Portugal, ou 200 rs. originaes do Brazil. Todos os pedidos d'este livro deverão ser dirigidos ao «National Institute of Sciences, Serviço Gratuito Portuguez 5307 A, n.º 288 Westminster Bridge Road, Londres, S. E., Inglaterra». Bastará apenas pedir um exemplar, escripto em Portuguez, da «Chave do Dessejo», «Elementos das Forças Ocultas», mencionando «Ilustração Portuguesa».

FOTOGRAFIA

Renlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-00

ASCENSOR

Seculo Comico

Preço 1 centavo

Leir na quinta-feira proxima

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE:
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; e incomparavel em vacillencias, quironomancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, La water, Desbarrolles, Lambruse d'Arpenizny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, ingles, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 10 da manhã as 1 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa — 18000 reis, 28500 e 58000 reis

tos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, ingles, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 10 da manhã as 1 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa — 18000 reis, 28500 e 58000 reis

Constantinopla

Está ainda fumegante a Constantinopla de Lotti e de Farrère. Stambul, em peso, protegida pelas águas faiscantes do Canal Dourado, das alturas de Santa Sophia e do Serralho assistiu, apavorada, ao enorme incendio dos bairros de Péra e de Galata. Existe alguma coisa dolorosamente tragica nos derradeiros dias da maravilhosa cidade que, por todos os lados, se vê assediada e resiste ainda com o desespero de quem vende cara a vida. Quando no mar de Marmara cruzam já, audaciosamente, os submarinos ingleses e uma multidão tristonha vive fatalista, nas mesmas apreensões dos bisantinos de ha cinco seculos, — um flagelo brutal, irrompe, aiastra, devora. O espaço, onde perpassam lividamente os fachos de luz dos projetores, ensanguenta-se agora e a pura



essencia da vida que serpeia em caudales na velha terra da Europa, espelha no céu o seu colorido rubro. Entre uma linha de canhões, que avança lentamente, e uma corôa formidável de hamas purpúrinas, toda uma humanidade, arrastada pelos poderosos da terra, se debate, emaranhada, convulsiva, agonizante e desaparece a pouco e pouco esmagada nos tentáculos monstruosos da guerra, da fome e dos cataclismos cégos da natureza.

O treino

Dois carroceiros exaltados encontram-se no Aterro e, n'aquelle ermo empoeirado, entre Hymalaiaes de lixo, no meio de quatro legumes éticos, furiosamente se degladiam, jogam as ultimas, pretendem beber sangues contrarios. E como se dê o caso de um policia pensativo e ocioso passar por ali, — coisa admiravel de dizer-se! — logo a briga assume proporções de peleja em forma e uma rija opposição se organisa para lá das grades da Abegoaria. No fim d'algumas horas tumultuosas, por entre o rumor surdo de pauladas, e o crepitar seco das *Brownings*, a multidão esta, ululante, em frente da força armada — e só



então se lembra de procurar o carroceiro iniciador. Não houve talvez um unico que, em verdade, pudesse explicar o motivo de tão rude bafunda; é provavel que tudo aquilo obedecesse a um desejo simples e natural de desenferrujar os braços, amolar energias para coisas mais importantes. Ha tão pouco que fazer n'esta canicula abafadora! No fermento de indisciplina que estas coisas revelam, decerto, ninguém pensou. Passou-se um bocadinho da tarde. Todos os combatentes entram em casa de coração socegado e, deante do seu prato, mais de um murmurou: — Hoje passei o dia menos mal... Houve uma desordem — e molhei a minha sopa!...

Iconoclastas

Conta Bruy d'Augustin como, no proprio dia em que Maria Antonietta terminava nobremente no cadafalso a sua longa Paixão, a escoria inconfessavel que enforcou Favras, degolou a delicada princeza de Lamballe e não duvidou torturar Robespierre a caminho do patibulo, — invadiu, clamorosa, a velha abadia de San Diniz para arrancar do seu repouso secular os velhos reis que, durante quasi um milenio, simbolisaram a gloria da França. O tempo não redimiu esse atehediondo — mas justifi-



ficou-o. Que a multidão ignorante suponha destruir a memoria de outros tempos, aniquilando as reliquias do passado, é um facto de todos os tempos e de todas as revoluções. Mas que dizer d'esses miseraveis isolados que, de norte a sul do paiz, movidos pelo mais baixo dos odios, assaltam todas as egrejas, violam todos os tumulos e profanam miseravelmente as coisas belas da nossa terra? Foi, ha tempos, a Sé da Guarda; é agora o Conventinho. E antes, todas, quasi todas as ermidinhas ingenuas do Minho e de Traz-os-Montes, foram mutiladas por criaturas que não são apenas ignorantes, máus e perversos monstros que um estúpido furor iconoclasta anima. Aquele pedaço de materia organisa que, uma d'estas manhãs, um popular descobriu, martelando uma das janelas bi-geminadas dos Jeronimos, diz-se nosso semelhante. Mas será isto, porventura, um homem? Não. E', quando muito — um bruto!

Lisboa em obras

Lisboa não é calçada em madeira, como certas ruas de Paris, nem em asfalto, como a Baixa de Madrid, nem mesmo em karry ou jawrh, como todas as cidades australianas. Lisboa tem um pavimento proprio, vetusto, rebarbativo — que engole somas enormes e tem sempre o desolador aspéto de se desfazer em velhice. N'esta cidade, que perpetuamente se concerta, a cada passo contornamos montanhas de cascalho e o pé resvala em superficies falsas, encobrendo covas que mais parecem armadilhas segundo o risco de Gordon Cumming, o grande caçador de elefantes. Parece, no emtanto, que os muncipes se não encontram satisfeitos. Queriam, decerto, um pavimento ideal onde o sapato fino das senhoras escorregasse com brandura e a ligeireza de uma bola de bilhar sobre a sua



ardosia. Emquanto não chega esta era feliz, porque não havemos nós de usar os grampos Kennedy, como se fossemos tentar a escalada do Monte Branco ou da Jungfrau? Assim apetrechados, amarrados á maneira alpina por causa dos abismos sem fim, confortavelmente munidos de oculos de vidro, para afastar a poeira, não se correria — talvez! — muito perigo em atravessar a Avenida.

MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



(Episodio da guerra)

PEÇA EM 1 ATO por PAULO OSORIO

Outubro de 1914

(Conclusão)

CENA VI

Os mesmos, menos *Maria*

Coronel—Que especie de homem é esse tenente Martigny?

Tenente Weber—Um bom engenheiro, um pouco impertinente com as suas idéas de nobreza. Não sei o que dará como soldado. (Pausa).

Coronel—Valerá a pena fazer busca?

Capitão—A estas horas o parque está cercado. Mandei soldados para todas as portas. Na escada tenho alguns homens. Uma busca leva muito tempo.

Tenente Weber—Se alguma coisa nos parecer suspeito... ha melhor.

Capitão—Você está danado!

Coronel—Gosto d'ele assim. A guerra é uma questão de força; o coração é um agente de fraqueza. Esta raça odeia-nos; é preciso exterminá-la a custo o que custar. Franz, o senhor não diz nada?

Tenente Franz—Mas... certamente, meu coronel.

Tenente Weber (Tirando qualquer coisa do bolso)—E' verdade, não lhes mostrei ainda isto.

Coronel—O que é isso?

Tenente Weber—Uma carteira que encontrei no bolso de um pobre diabo de sargento francez que um obuz quasi decapitou.

Capitão—Tinha dinheiro?

Tenente Weber—Oh, não! Papeis. Uma correspondencia sentimental. Um achado bom para você, Franz.

Tenente Franz—Não sei porquê.

Tenente Weber—Não lhe vi a cara, ao sargento, porque, como disse, um obuz a poz em marmelada. Mas devia ser a de um A Ionis, porque o bravo moço era am do com furor.

Coronel—Então as cartas... porcariazinhas, não? Esses francezes...

Tenente Weber—Não. Sentimento. Uma mistura. Coisas á Manon Lescaut.

Capitão—Manon...

Tenente Franz—Lescaut.

Capitão—Uma «cocotte» de Paris, já percebi.

Coronel (sorrindo)—Um pouco antiga, mas em suma...

Capitão—Um que vivia á custa de velhos camafes, o tal sargento. Está-se a vêr. (Riem).

Tenente Weber (lendo a carta)—Ha mais d'um mez que não tenho carta tua, meu amor. Viver assim é peor que a morte. De noite tenho pesadelos horriveis e é sempre a ti que eu vejo nos peores perigos, d'batendo-te nas garras d'esses monstros...

Coronel—Hein?

Capitão—Não é amavel, a pécora.

Tenente Weber (continuando a leitura)—«... As noticias aqui são raras...»

Coronel—D'onde escreve ela?

Tenente Weber—De Paris, creio eu.

Capitão—Nós lh'as levaremos frescas, as noticias...

Tenente Weber (continuando a leitura)—«... Parece que os russos avançam...»

Capitão—Deve ser terrivel!

Tenente Weber (lendo)—«... Os inglezes veem em nosso socorro...»

(Interrrompendo-se e n'outro tom)—Meu coronel: o senhor acredita n'essa historia dos inglezes?

Coronel—O exercito inglez! Mas que «blague»! A respeito do exercito inglez eu conto-lhes uma historia...

(*Maria entra, trazendo duas garrafas n'uma mão e quatro copos na outra*)

CENA VII

Os mesmos e *Maria*

Maria—Desculpem se me demorei.

Tenente Franz—Oh, minha senhora!

Maria—Estou pouco habituada. Estava escuro. (Iõe as garrafas na mesa).

Capitão (reparando na etiqueta de uma garra'a)—1870.

Tenente Weber (para *Maria*)—Deve saber-lhe a amargo este vinho.

Maria—Será doce para os senhores. (Serve-os).

Tenente Franz—Muito obrigado!

Capitão—Meu coronel, devemos beber á Vitoria.

Coronel—Se a senhora de Martigny nol-o permitte. (*Maria, sempre de pé, faz um gesto resignado*).

Todos (de pé)—A' Vitoria! (*Franz levanta tambem o seu copo, mas menos expansivamente que os outros. Voltam a sentar-se*).

Tenente Franz—Não se senta, minha senhora?

Maria—Sim, vou sentar-me. (Aproxima um «fauteuil» e senta-se).

Coronel (reparando no retrato ao fundo)—De quem é aquele retrato?

Maria (com orgulho)—Do conde Rodolfo de Martigny, meu marido.

Capitão—Era, então, militar?

Tenente Weber (ironico)—Uma familia de bravos!

Maria—Era general quando morreu.

Capitão—E em 70?

Maria—Começou a campanha como alferes. Tinha saído de S. Cyr. Quando a guerra acabou tinha os galões de capitão.

Coronel—Era um heroe!

Maria—Cumpriu sempre o seu dever.

(Um silencio)

Coronel (fazendo menção de levantar-se)—E' tempo de partirmos!

Maria (erguendo-se)—Oh! não. Peço-lhes. (*Dei-*

ta-lhes mais de beber). Não sei se as minhas palavras...

Capitão—Oh! não, minha boa senhora. E' bem natural de resto, que os francezes não nos possam vêr.

Coronel—Bem natural, conforme! E' bem natural decerto que a França decadente odeie a nação visinha, que aumenta e prospêra sem cessa. A nossa industria tem conquistado o mundo. A nossa força é capaz de o dominar.

Tenente Weber—Por muito tempo soffremos provocações.

Maria (surpreendida)—Os senhores?!

Tenente Weber—Mas sim. Não falo, é claro, pessoalmente de mim. Falo da Alemanha.

Coronel—Todos os gestos de conciliação vieram sempre do nosso lado.

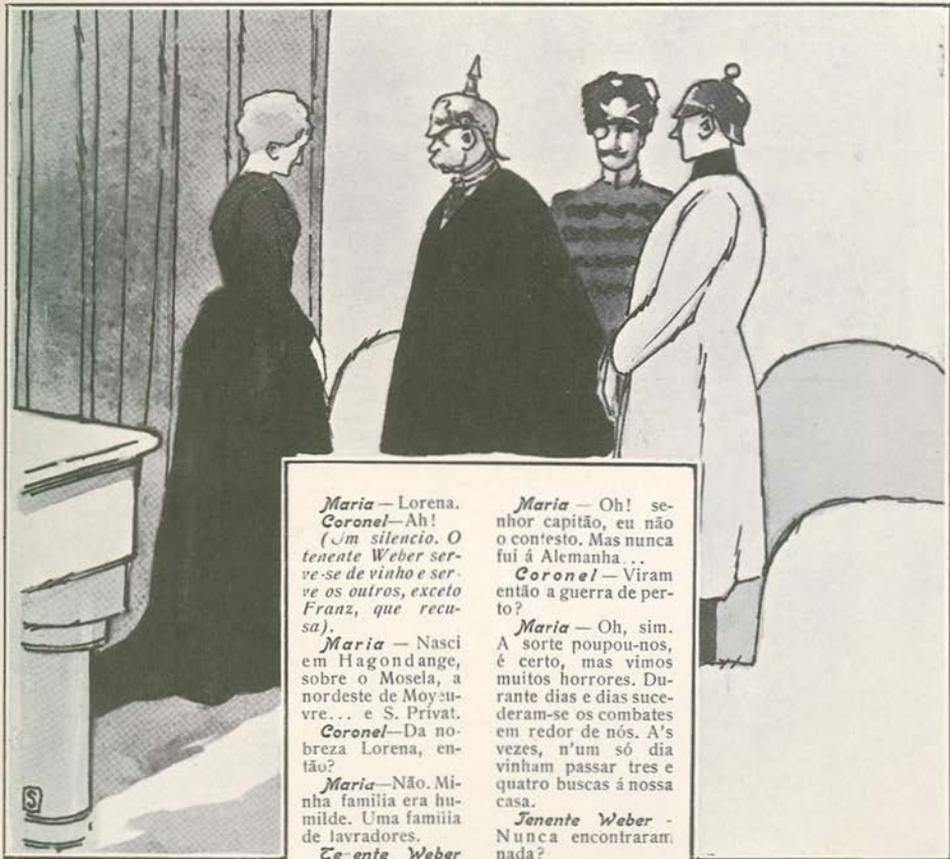
Maria Mas a grande ferida que os senhores fizeram á França ha quarenta e tres anos, sangra ainda. Jámais cicatrisou.

Coronel—Alsacia-Lorena! Mas é uma loucura! O mal que a França tem feito com essa mania a esses povos de caracter alemão, de cultura alemã, de costumes alemães, que não pedem se ão um logar digno d'eles no imperio.

Maria (com veemencia)—Oh! isso, nunca!

Coronel—Hein?

Tenente Weber—Salvo erro, a senhora de Martigny é...



Maria—Lorena.

Coronel—Ah!

(*Em silencio. O tenente Weber serve-se de vinho e serve os outros, exceto Franz, que recusa*).

Maria—Nasci em Hagondange, sobre o Mosela, a nordeste de Moyuvre... e S. Privat.

Coronel—Da nobreza Lorena, então?

Maria—Não. Minha familia era humilde. Uma familia de lavradores.

Tenente Weber—Ah!

Coronel—Que aventura levou então o senhor de Martigny?...

Capitão (que já tem bebido bastante)—Em nova a senhora de ia ser bonita! Uma bela camponeza... o belo militar... Tem-se visto!

Tenente Franz (como para o conte)—Meu capitão!

Capitão—Que tem você, Franz? Está doente?

Tenente Franz—Nada. Peço-lhe desculpa, meu capitão

Maria—N'essa primavera de 70, precisamente, meu pae morreu. Dois mezes depois veiu a guerra. Eu fiquei com minha mãe: uma mulher de coragem, uma franceza.

Capitão—As alemãs são tambem de coragem...

Maria—Oh! senhor capitão, eu não o contesto. Mas nunca fui á Alemanha...

Coronel—Viram então a guerra de perto?

Maria—Oh, sim. A sorte poupou-nos, é certo, mas vimos muitos horrores. Durante dias e dias succederam-se os combates em redor de nós. A's vezes, n'um só dia vinham passar tres e quatro buscas á nossa casa.

Tenente Weber—Nunca encontraram nada?

Maria—Não. (*Com orgulho deixando-se arrastar pelas suas recordações*). Mas salvámos os que pudemos. (*Os officiaes entreeotham-se*). N'um dia, o mais terrivel de todos, livrámos do inimigo dez francezes: dois officiaes e oito soldados.

Tenente Weber—Podia-lhes sair caro...

Maria—Que importa!... A dois passos da nossa casa uma centena de homens, se tanto, báderam-se durante mais d'uma hora com todo um regimento prussiano.

Capitão—Atacado de paralisia...

Maria—Ah, ah! Eram as balas e as baiometas dos nossos que lhe davam a paralisia... Era preciso impedir o inimigo de avançar, proteger uma retirada difficil. Conseguiram-no. No fim, havia apenas, de

pé, um coronel, um tenente e os oito soldados — todos feridos! Foi minha mãe que veio buscar- os, que os guiou, um a um, até nossa casa, debaixo de uma chuva de balas.

Tenente Weber—E não entraram lá... os prussianos?

Capitão—Tiveram medo da senhora sua mãe?

Maria—Oh! não! Minha mãe não tinha armas para lhes causar medo. Mas tinha um sangue-frio...

Coronel—Que a senhora herdou.

Ma ia—Que eu desejaria ter herdado...

Tenente Weber—E então?

Maria (que no calor da narração se tem entusiasmado) Então... Ela conseguiu convencer os prussianos de quem os franceses tinham fugido por um outro lado. Ah, ah! Nós soubemos escondel-os e tratel-os. Um d'elles, lembro-me bem, um soldado marsehez, morreu horas depois. Outros foram-se embora, para a batalha, alguns dias passados. Ficaram só dois, mais gravemente feridos: um soldado que tinha as pernas crivadas de balas, e o tenente ferido em pleno peito.

Tenente Weber—E esses?

Ma ia—Esses foram, semanas mais tarde, bater-se ainda. Mas vol aram depois, e para sempre, para junto d'essas pobres mulheres que os tinham acolhido com carinho n'uma hora de dór. O soldado, sr. Weber, é esse Francisco que nos serve, que o senhor conhece, por quem ainda ha pouco perguntou

Capitão E o bravo tenente?

Maria (apontando o retrato, comovida)—Ha seis anos, á beira da morte, com o unico pezar de que Deus o levasse antes d'uma desforça que fóra o sonho da sua vida inteira, fez jurar a seu filho que, quando essa hora viesse, ele saberia honrar a sua velha espada.

Capitão (com ireniz)—E onde está a velha espada?

Ma ia (tremula de comção, com veemcio)—Em qualquer parte Deus sabe se bem longe! — onde um francez de 30 anos se bate como um bravo... ou morre como um he. oe.

Tenente Franz (aproximando-se-lhe, baixo)—Minha senhora, prudencia! (Ela olha-o com surpresa).
Coronel (após um silencio)—Minha senhora. Em tempo de guerra ha curios dades desculpaveis. Permite-me ir ver o que existe detraz d'aquella porta? (La ica a po ta da D. aita).

Maria—Mas decerto, eu acompanho-os!

Coronel (ecamente)—Não, a senhora, fica! (Ela sai pela D. alta com o capitão e Weber que az unciar uma lampada electrica de algibeira. Os tres tem posto os capacetes).

CENA VIII

Maria, Tenente Franz

Maria—O senhor é... alemã?

Tenente Franz—Sim. Meu pae nasceu em Francfort; minha mãe... na Alsacia. Só ela vive... E é n'ea que eu penso, minha senhora, desde que entrei aqui... e a vi.

(Os tres o iciaes voltam pela mesma porta por onde acabaram de sair).

CENA IX

Os mesmos, **Coronel, Capitão, Tenente Weber,** depois **Um Sargento**

Coronel (vindo direito a Maria, rudemente)—Minha senhora. Inutil perder mais tempo D'esta vez o sangue-frio de 70 não bastará para salvar o oficial francez que se refugiou aqui.

Maria (serenamente) Nenhum oficial francez aqui está.

Coronel—Está aqui um oficial; os meus soldados viram-n'o.

Tenente Weber (indicando a porta da D. baixa).—O puxador d'esta porta está manchado de sangue.

Maria—Revistem tudo! Juro-lhes que não está aqui mais ninguém.

Capitão—São as três que a sua mãe contava aos prussianos de 70.

Tenente Weber—Não pegam...

Coronel—A casa está cercada. O parque cheio de soldados. Não fugirá.

Maria—Ninguém aqui pretende fugir. Meus senhores: assegurem-lhe...

Tenente Franz (a meia voz). Suplico-lhe, minha senhora!

Tenente Weber—Sabe que joga uma partida arriscada?

Maria—Senhor Weber, eu sou uma pobre velha que já não tem no mundo outro destino que não seja o d'esperar, de bem com Deus, a hora do fim. Para mim já não ha par lhas arriscadas; tão pouco tenho que perder!

(Ouve-se óra um tiro, depois outro, depois uma descarga, N'um sobresalto iustintivo, Maria vae a correr para a janela. O capitão barra-lhe a passagem. Os o iciaes ent olham-se inquietos. Weber abre a janela e escuta um momento. Os outros seguem-no com o olhar.)

Tenente Weber—Não se ouve nada.

Coronel (Para Maria)—Acabamos com isto, minha senhora!

Maria (A quem os tiros tiram toda a serenidade, tremendo de col. ra.)—Que quer o senhor mais que eu lhe diga?

(Abre-se a porta da D. baixa Entra um sargento, correndo. Per ila-se rapidamente.)

Sargento—De traz d'unas arvores atiraram sobre nós, mataram-nos três homens. ResponJemos com uma descarga. Não encontramos ninguém.

Tenente Weber—Miseraveis!

Capitão—Mas procurem-n'os, matem-n'os, com mil raios!

Coronel (Encolerizado)—Queimem isto!

(O sargento faz a continencia e sae correndo. Maria ica um instante atonita, sem perceber. Depois toda tremendo, o olhar e gasiado, volta-se para os o iciaes como quem vae cair sob e les.)

Tenente Franz (aproximando-se rapido, diz-lhe baixo, sem que ela pareça tel-o ouvido)—Fuja, minha senhora!

Maria (explodindo)—Canaihas! Covardes! Incendeiem! Matem! Mas roubem primeiro! Ha para ahi ainda que roubar!

Capitão—Cale se!

Maria—Mas saibam que é só a mim que matam! Ele vae longe, o meu filho. Salvei-o eu, entendem! Saiu d'aqui quando vocês entraram! Tive-os aqui para dar tempo a que ele fosse longe! Está salvo? E ha-de vingar-nos... a todos!

Tenente Weber—Cale-se, velha bebada!

(O Capitão avaa pa a eli. O Coronel interpoese. Fóra vê-se um clarão. O Tenente Weber pega no candieiro de petroleo e arremessa-o ao chão.)

Coronel—Vamos!

(Maria ri, com um riso de doida, convulso. As chamas do incendio que os soldados ateam óra sobem até ás janelas e iluminam a sala. Os o iciaes saem. Frazz tem um momento de hesitação. O coronel, percebendo olha-o, com severidade e, al-o sair primeiro.)

CENA X

Maria, depois Francisco

(Os vidros das janelas estalam. O um invade tudo. Maria corre d'um lado para o outro gritando o mais possive, já rouca.)

Maria—Raça maldita! Covardes! Viva a França! Viva a... (Corre para uma das janelas e cae ao chão.)

(ela po ta da E. baixa que se entreabre vê-se a cabeça de Francisco, que entra depois rastejando e crecendo sofrer muito, c m a mão esquerda apoiada na ilharga. Vem até ao meio da cena.)

Francisco (gritando quanto pôde)—Minha senhora! Minha senhora! Eles estão salvos! Fuja, minha senhora! (Contorcendo-se com dōres.) Os malditos deram cabo de mim! (morre.)

(As chamas invadem o salão. Ouve-se fóra a voz de ia dos soldados.)

CAE O PANO

UM CASAMENTO AUSPICIOSO

Foi um casamento distinto e auspicioso o da sr.^a D. Laura Celeste Lacerda com o sr. Carlos Inacio Coelho. A noiva é uma senhora genti-

O casamento realizou-se na capela do convento do Bussaco em 3 do mez passado. Foram padrinhos por parte da noiva seu pae e sua mãe, a sr.^a D. Laura Ema de Lacerda, e, por parte do noivo, o sr. José Duarte de Figueiredo. Ao ato religioso seguiu-se um delicado copo de agua no Grande Hotel do Bussaco, partindo depois os noivos para a bela casa de campo que o sr. Carlos Coelho possui em S. Pedro do Sul. Em seguida a uma larga digressão pelo norte de Portugal vai este sr. fixar residencia com sua esposa no Rio de Janeiro.

Raras, vezes se vêem na «corbeille» de uma noiva as prendas valiosas e de fino gosto artistico que se viam na «corbeille» da sr.^a D. Laura Ema de Lacerda, a quem ambicionamos como a seu marido

líssima, dotada de primorosas qualidades de espirito e de oração. Pertence a uma das familias mais distintas de Lisboa. E' filha do sr. dr. Alberto de Lacerda, o illustre cirurgião dentista, tão conhecido em Lisboa pela sua grande competencia profissional e fino trato, e irmã do sr. dr. Raul de Lacerda, cuja carreira clinica promete ser tão brilhante como a de seu pae. O noivo é um acreditado negociante do Rio de Janeiro, tão inteligente como ativo e serio. Que mais é preciso, pois, para tornar um lar feliz?

todas as felicidades e venturas de que são tão dignos.



Os noivos



2. Os noivos e seus irmãos.—3. Palacete do sr. dr. Alberto de Lacerda no Luso.

4. Os noivos com suas familias e convidados, vendo-se a esquerda da noiva o sr. dr. Alberto Lacerda. (Ulthés do sr. J. Carvalho Espinho).

A praia de Santa Cruz

Fica esta aprazível praia, situada n'um dos melhores locais do litoral português, a 15 kilometros de Torres Vedras. E' servida por uma estrada que serpenteia atravez os grandes vinhedos que exuberantemente vegetam n'esta uberrima região da Extremadura, e das numerosas e pitorescas dunas que a circundam.

Se lhe faltam os casinos e teatros que tornam algumas praias a continuação do bulicio das cidades, tem, sem desvantagem, um ar puro aliado á vida simples e pacífica para se refazer os órgãos fatigados das lutas pela vida.

A praia dos banhos é das mais asseadas que temos visto. Orlam-na altas ribas onde a brisa marítima nos bafeja com benéficas emanações; a extensão é enormissima,

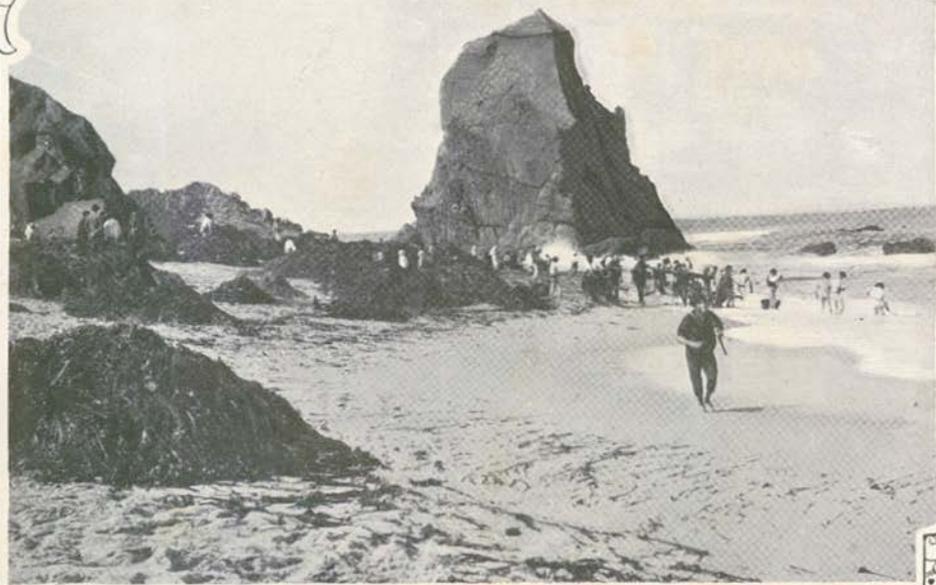


Penedo do Guincho

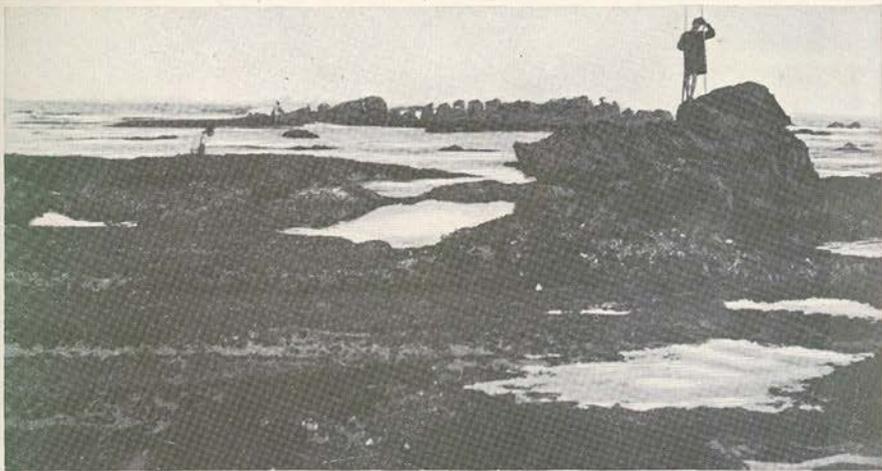
tendo uma penedia denominada a Percebeira, abundantissima em moluscos, cuja pesca é dos mais belos recreios dos banhistas e visitantes. Ao fim da praia ergue-se o penedo do Guincho, um pouco inclinado e como que ameaçando esmagar quem se aproxime do seu inofensivo alcance. Possui Santa Cruz muito boa agua — o que é pouco vulgar nas nossas praias —, e suburbios fertilissimos, bastante povoados de caça. Emfim, podemos dizer que é uma praia favorecida pela natureza.

A principal colonia balnear é de Torres. Tem sido frequentada por algumas familias de Lisboa e outros pontos do paiz, aumentando de ano para ano a concorrência.

J. AQUIM C. RODRIGUES



Apanhando sargaço junto da praia do Guincho



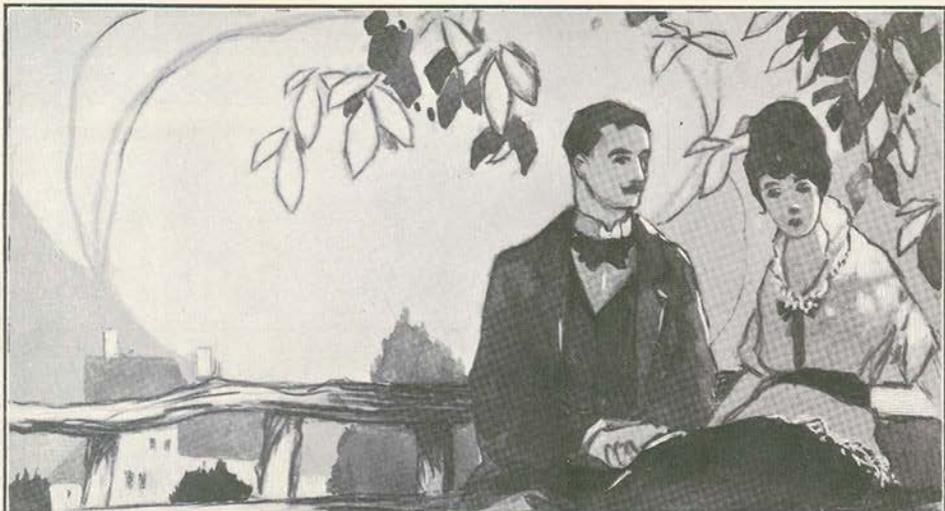
Os Castelinhos



Vista geral de Torres Vedras



Um trecho da Percebeira—(Clichés do distinto fotografo amator sr. Jacinto C. Rodrigue)



Oração á vida

A vida é bela, é bela como um sol !
Que o goza-la, e quero ainda sofrê-la:
Eu não sou triste como é o rouxinol,
Na minha alma ha a viveza d'uma estrela !

*A morte corre, corre para nós,
Já nos regela o corpo o seu ba'ejo...
De longe já nos chega a sua voz,
Tão languida, tão doce como um beijo.*

Meios-dias de verão sobre a campina !
Ardido tudo por um sol sem freio !
Esse campo é a minha alma franzina,
E o sol a vida ardente por que anejo !

*Emfim, ó minha voluptuosa amante,
Emfim que eu te possuo até á Morte !
Que o nosso amor veloz a vida corte,
E chegue esse temido e anciado instante.*

A ave na prisão não adivinha
Os males da outra vida por que chora ;
E eu quero a vida ideal, tenha ela embora,
Os perigos que atraem essa avesinha !

*Oh! beija, beija, corta, rasga e morde !
Que o sangue jorre em vagas como o mar!
Que o homem-éra antigo agora acorde...
Aperta o peito, aperta até estaiar !...*

A vida já passou, como um vulcão,
Na minha alma dispersa agora em pó,
E o temporal levou-me o coração,
Levou-me ideaes : — deixou-me a carne só !

*Não espres mais, ó Morte estremecida !
A vida esgotei já : quero morrer.
Vem! arranca-me, leva-me da vida
No maximo do encanto e do prazer !*

Na vida antes das cinzas houve as flamas
D'um grande incendio, mas que morreu logo ;
Oh! deixem-me lançar sobre esse fogo,
E ainda morrer queimado n'essas chamas !

Julho, 1915.

Antonio Schwalbach.



O Velho Mundo

em
guerra



Vitor Manuel III e o principe herdeiro de Italia

Sua Magestade a Rainha Helena d'Italia, que se encerra na frente da batalha tratando dos feridos

N'este decorrido ano de guerra, angustiosamente longo como um seculo, a mulher, sem combater no campo e nas trincheiras, tem ajudado a ganhar as maiores vitórias. E no triumpho final ella ha de ter a sua apoteose, tão justa, tão grandiosa, como a do homem que se bateu até á morte.

Vence-se a pensar n'ella que incarna a figura da patria em todos os afetos com que lhe querem aqueles a quem, no ardor da luta, não larga a doce visão de uma noiva ou de uma irmã; e aqueles a quem se representa, noite e dia, a esposa repartindo com inacredita-

vel coragem e resistencia um trabalho sobrehumano para tratar das terras, da casa e dos filhos, recalçando as lagrimas para só creal-os na esperança do regresso do pae; aqueles a quem o vulto querido da velha

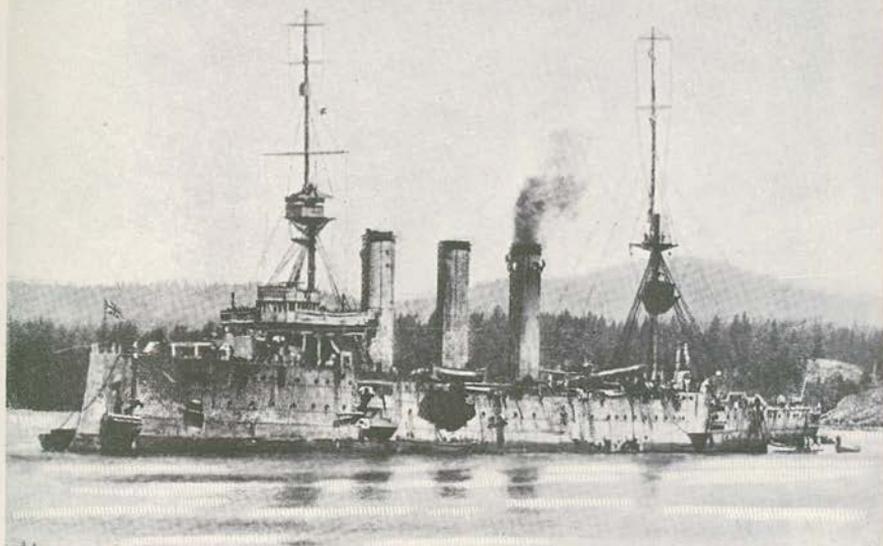
é princeza Yolanda, principessa dos reis d'Italia, que se encerra com sua mãe na frente da batalha

mãe parece erguer-se do leito em que a deixaram prostrada para lhes impôr com toda a sua veneração o ultimo sacrificio pela patria. E o homem baqueia ferido; esvaem-se-lhe estas santas visões com o sangue; mas, quando volta a si, sorriem-lhe rostos lindos e meigos como aqueles que lhe perpassavam n'um sonho de amor antes de baquear. Desde as rainhas ás mais modestas camponesas, a mulher continúa a sua grande obra de vitoriosos hospiteas. Melhora-se rapidamente com os seus cuidados; as suas palavras infiltram-se como uma nova alma; os seus olhares exercem uma verdadeira ação galva-

deira. Voa-se novamente para o campo da batalha, com os ouvidos cheios d'aquella inefavel musica, com o coração a trasbordar de agradecido bem estar, e torna-se a vencer a pensar na mulher!



Na fronteira italc-austriaca.—Uma missa campal na zona de guerra



O *Keat*, vingador do *Monmouth*, no seu regresso ao porto de Esquimalt, depois de duas batalhas, vendo-se varios rimbos no costado



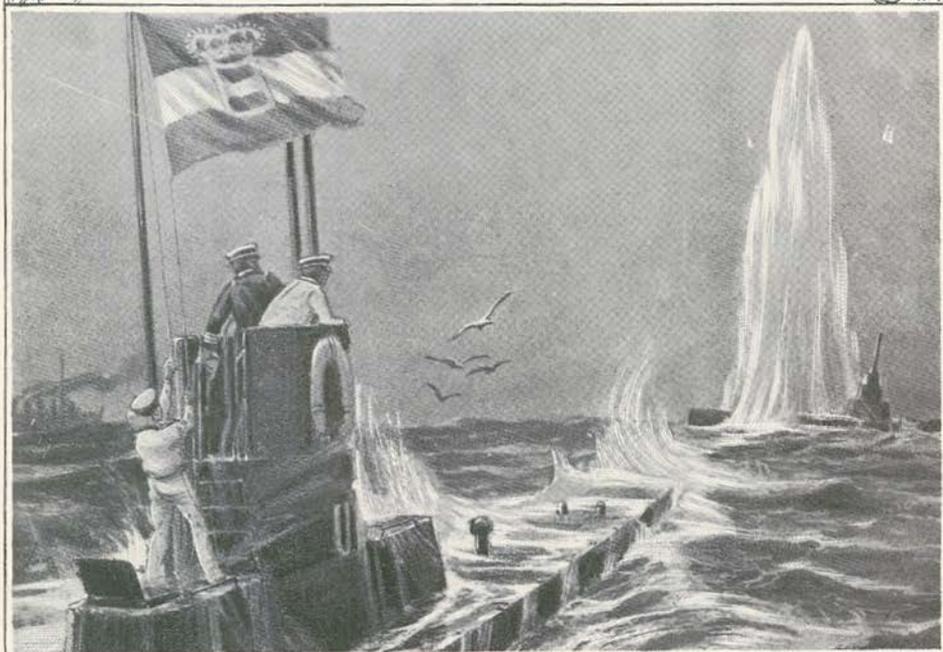
O grão-duque Nicolau Nikolaievich, generalissimo do exercito russo e um dos homens mais altos do mundo



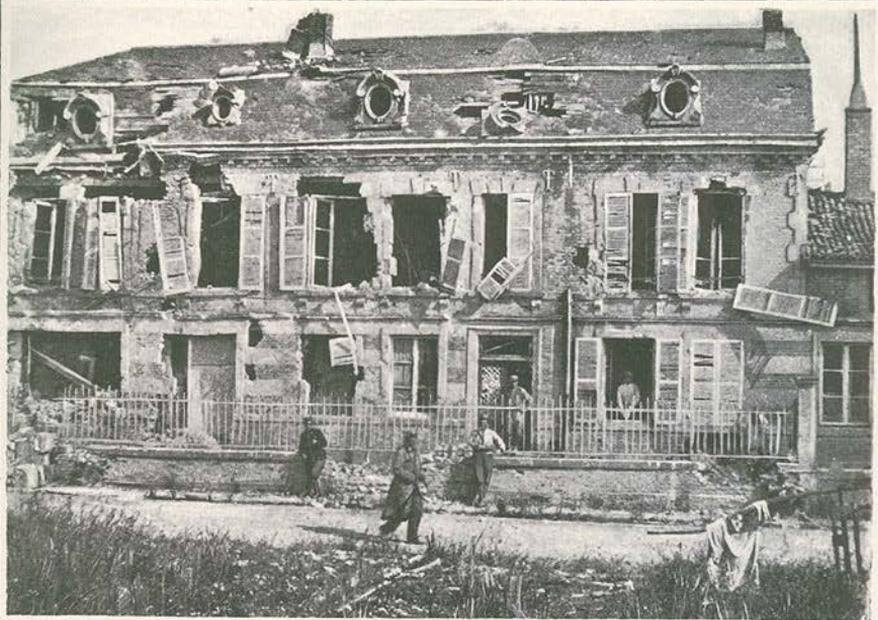
Os italianos arrancando os marcos que dividem as fronteiras da Austria e da Italia.



O cruzador italiano *Amalfi* metido a pique pelos austriacos



Luta entre submarinos



Em Mesnil-les-Ambes: O castelo da cidade sobre Tombe (Mons) destruída pelos alemães

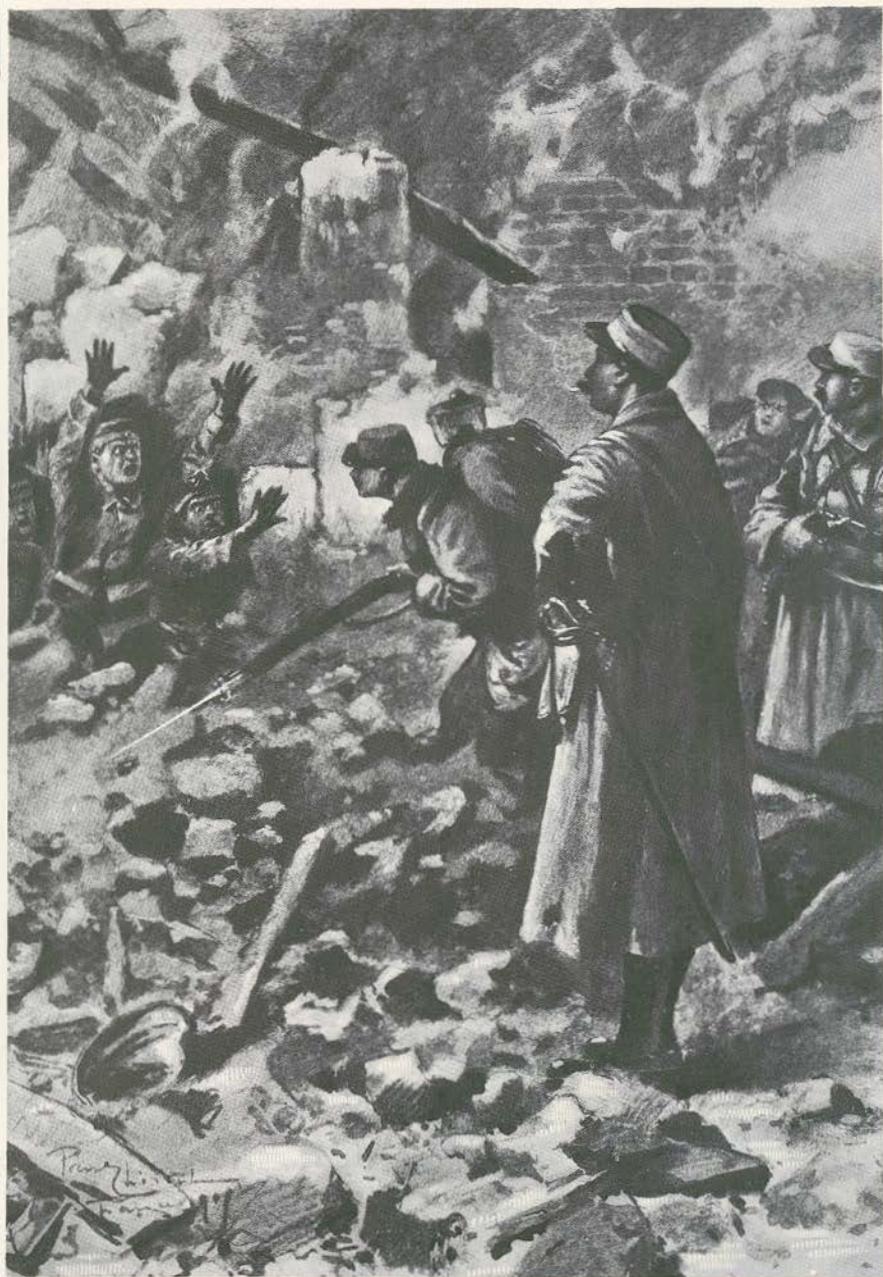


A igreja de Mesnil-les-Ambes também bombardeada pelos alemães
(Clíchê Branger)



Soldados de infantaria franceza guardando uma trincheira, com os seus uniformes azul-cinzentos que de longe os tornam pouco distinguíveis.

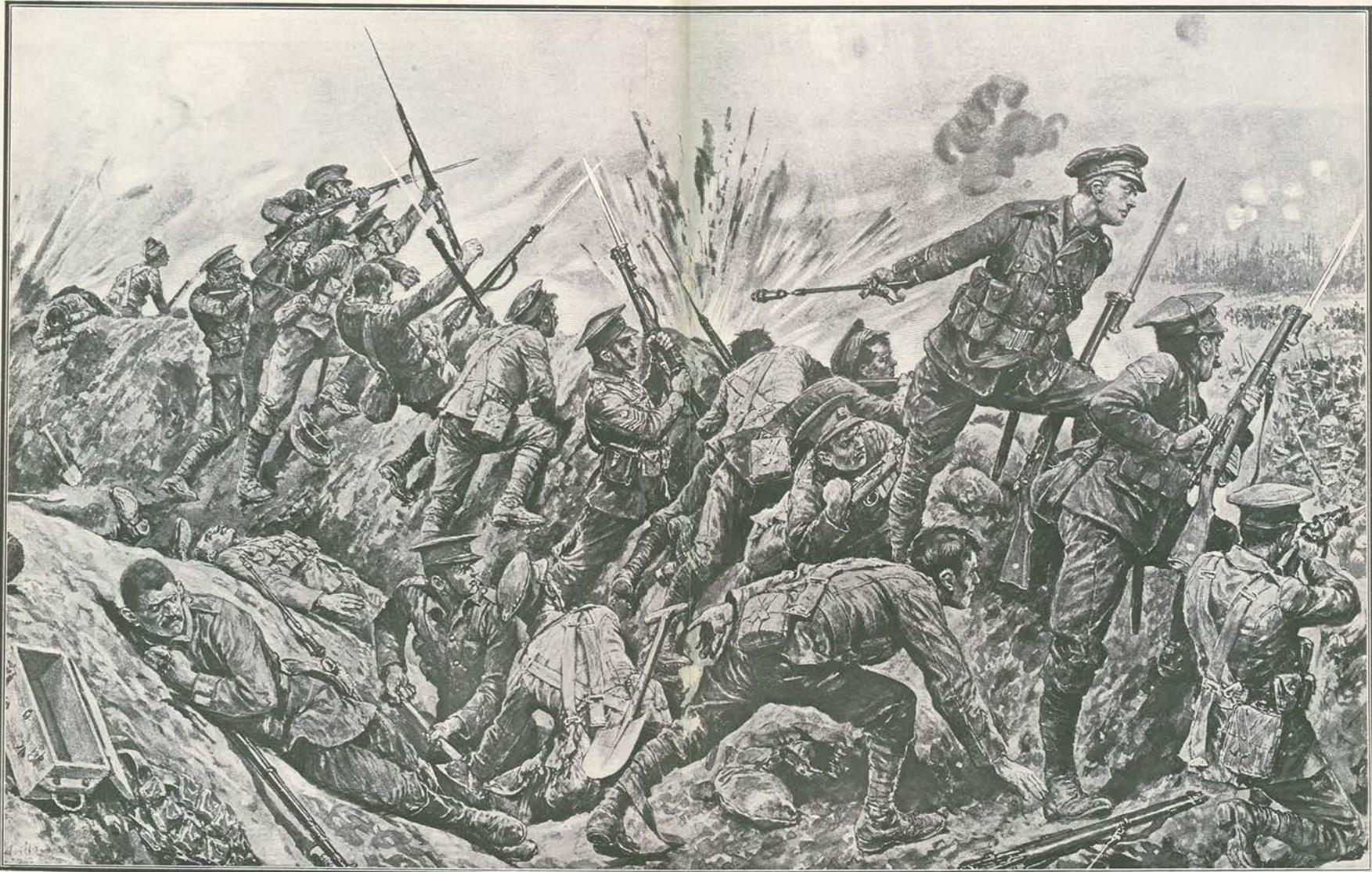
EM ABLAIN (St. Nazaire)



Um episódio da ofensiva francesa ao norte de Arras, vendo-se os alemães renderem-se

(Da Sphere).

FEITO HEROICO NA COTA 60



O capitão G. U. Wolley, de carabineiros da rainha Vitória, lançando bombas da sua trincheira sobre as alemãs e ocupando uma bela posição d'onde pode observar todos os movimentos do inimigo

(Desenho de R. Caton Woodrill da *Illustration Inglês*)



Por detrás da linha de fogo, os artilheiros francezes tem deamontado as partes do incomparavel 75, para as limpar e untar
(Ampliação do cliché de um oficial francez enviado á *Sphere*)



A artilharia alemã retirando precipitadamente sob o fogo dos aliados



Por detrás da linha de fogo, os artilheiros francezes teem desmontado as partes do incomparavel 75, para as limpar e untar
(Ampliação do cliché de um oficial francez enviado à *Sphère*)



A artilharia alemã retirando precipitadamente sob o fogo dos aliados



Empregados na Cruz Vermelha Servia



Mulheres servias esperando ansiosamente notícias à porta do hospital



Mulheres servias ajudando a preparar um novo cemitério



Oficiais servios levando flores que lhes foram dadas pelo povo



Um soldado servio acompanhado de sua mulher



Nos Estados-Unidos, ainda até ha pouco tempo, os alemães gosavam de um acolhimento quasi fraternal. Os atos de pirataria, porém, cometidos contra os navios de países neutros, sem poupar os da propria America e todas as agitações que os elementos germanicos procuram ali produzir, tem revoltado a grande republica contra os alemães, que se lhe tornaram hoje a colonia mais suspeita e odiada.

Então, o atentado cometido pelo professor alemão Frank Holt contra o banqueiro e milionario Pierpot Morgan veiu ainda mais exacerbar os animos. Se a America estivesse preparada para a luta, não vacilaria decreto mais um momento em colocar-se ao lado dos aliados para castigar o orgulho e o barbarismo alemão.



1. Atentado dos alemães nos Estados-Unidos: A repartição de policia de Hed-Quarter dinamitada—2. O alemão Frank Holt no momento da sua prisão por ocasião da tentativa de assassinio contra sr. Pierpot Morgan, embaixador de Inglaterra —(Cllichs) Branger).



Um submarino alemão persegue com tiros de peça um navio mercante inglês, que se dirigia a um porto inglês e que, apenas avistou de longe o barco inimigo, au-

mentou de velocidade sem todavia lhe poder escapar. Este ataque foi feito com tiros de peças-bombas com o peso aproximado de 7 kilogramas e não com torpedos

A GUERRA



NO MAR

como se fazia nos primeiros mezes da guerra submarina. Foi com essas mesmas peças que os alemães meteram no fundo o *Caucasian* e o *Inglemoor*, tendo ape-

nas dado tempo a que a tripulação do primeiro lançasse os seus barcos ao mar e se salvasse com graves riscos por este se encontrar então muito agitado.



A Casa Sandeman está ha mais de um seculo estabelecida em Portugal e o seu chefe, Mr. Albert George Sandeman, é casado com uma senhora da antiga nobreza de Portugal, uma filha do visconde da Torre de Moncorvo que representou, em tempos, Portugal junto da corte de Saint James.

Mr. Walter Sandeman, filho d'este matrimonio, tem tres filhos varões; dois d'elles Gerard e Christopher alistaram-se no exercito Inglez como soldados rasos, no dia em que a guerra se declarou e teem ambos, atualmente, os postos de tenente, estando o ultimo adido ao quartel generai do marchal French, como interprete, versado em linguas como é. Quando estes se alistaram, o irmão mais novo, Patrick, estava ainda no collegio de Eton, d'onde, terminados os seus estudos, acaba de sair, para se ir alistar no exercito como soldado. Tem 18 anos. Os seus irmãos foram tambem educados em Eton, no celebre collegio.

Ha dias Mr. Walter Sandeman foi entrevistado por um jornalista Inglez.

«Todos os meus filhos se alistaram no exercito, por sua livre vontade e eu desejaria que todos os mancebos Inglezes seguissem o seu exemplo», foi o que

disse este nobre pae, ao jornalista que o entrevistou.

D'esta familia já perderam a vida, na guerra atual, o capitão S. A. G. Sandeman, regimento de Hampshire, e o tenente W. Sandeman, do Gordon Highlanders e foi ferido o capitão M. G. Sandeman.



1. Mr. Patrick Sandeman, que estava em Eton em agosto passado, é hoje subalerno no *Royal Grenadiers Army*.—2. Mr. Christopher Sandeman quando rapaz e como é hoje, tenente no *Intelligence* corpo.—3. Mr. Gerard Sandeman, quando rapaz e como é hoje. Foi nomeado agora 2.º tenente dos granadeiros.—Tres irmãos que estão ao serviço do Imperio. São filhos de Walter Sandeman e netos de Albert Sandeman um dos velhos voluntarios e um dos diretores do Banco de Inglaterra.—4. Mr. A. Sandeman, avô.—5. Mr. W. Sandeman, pae.—6. *Sobre a frente Servia*.—Uma columna do exercito servio em marcha para o campo de operações.—(Clichê Branger).

LICEU MARIA PIA



Melo Marques, D. Maria Elisa dos Santos, D. Ceu Beça e D. Antonia do Prado Martins foram as distintas professoras que tiveram a seu cargo o ensino de trabalhos manuaes que, em tão variados generos, embelezavam o salão do liceu.

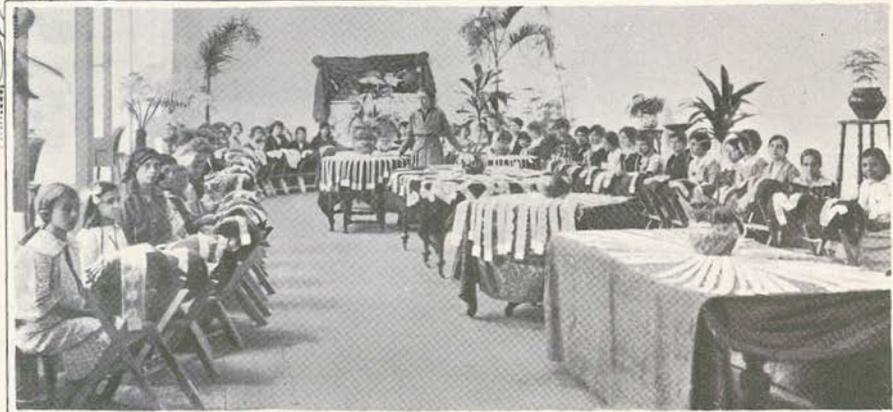
A sr.^a D. Cristina Pinto e os srs. dr. Arruda Furtado, coronel Miranda Lemos e dr. Pereira de Carvalho foram os professores das aulas de desenho, cujos belos trabalhos não sobresaíam menos do que os outros em tão magnífica exposição.

A nova exposição de trabalhos das alunas d'este liceu, inaugurada em 31 do mez passado com a assistencia do sr. ministro da instrução publica, é uma das mais brilhantes que se teem feito em Lisboa nos ultimos tempos. A grande concorrência de pessoas entendidas que a visitaram todos os dias e os elogios unanimes que se lhes ouviam foram a melhor consagração que podiam esperar professores e alunas para o seu trabalho intelligente e cuidadoso durante o ano.

As sr.^{as} D. Maria Augusta de



1. e 2. Aspétos da exposição de labores das alunas do Liceu Maria Pia — 3. O ministro da instrução, com o corpo docente do Liceu Maria Pia, na ocasião da sua visita á exposição de labores—(Cliché: Benoitel).



Na ilha de S. Miguel (Açores).—Um trecho da exposição de rendas de bilros executadas pelas alunas da Escola Industrial de S. Miguel, da qual é professora a sr.^a D. Hortense de Moraes e á qual a imprensa local se referiu com merecidos louvores



Os padrinhos, os convidados e os noivos, saindo da igreja de S. Sebastião da Pedreira (Clichés Benoit)



Casamento.—Na igreja de S. Sebastião da Pedreira realisou-se o casamento do sr. dr. Manuel de Vasconcelos Carneiro e Menezes com a sr.^a D. Madalena Lopes Freire. Serviram de padrinhos por parte da noiva sua mãe, representada pela sr.^a D. Celeste Mimoso Flôres e dr. Antonio José Pereira Flôres, e por parte do noivo seus pais.

Club Naval. — Este club realizou no dia 1 uma das suas mais brilhantes festas, que constaram de exercicios de natação, de corridas de velocidade e d'um desafio de *water-polo*. Assistiu o sr. Levy Bensabat, como representante do chefe da Nação e o sr. dr. José de Castro, presidente do conselho.



1. A assistência no Club Naval—2. Um dos barcos que tomou parte na regata — 3. O sr. dr. José de Castro, presidente do ministerio, e o ministro da marinha, conversando com os socios do Club Naval — (Lithés Benollet).



4. O sr. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro—5. *Exposição de faianças da fabrica Bordalo Pinheiro realisada em Guimarães, no salão da "Sociedade Martins Sarmiento"*. O nosso amigo e distinto colaborador artistico da *Rustração Portuguesa*, sr. Manuel Gustavo, filho do inolvidavel Rafael Bordalo Pinheiro, levou os produtos da fabrica que seu pae creou nas Caldas da Rainha a Guimarães, onde foram apreciados não só como verdadeiras joias artisticas, mas como provas da brilhante revolução que se tem operado na ceramica em Portugal graças ao genio e atividade dos dois insignes artistas



1

A sr.ª D. Alda de Souza Marques é uma distinta pianista que desde muito n.ª vem colhendo os mais extraordinários sucessos pelos seus concertos e meritos artisticos. Tinha apenas 9 annos quando se apresentou em publico e aos 17 terminou o curso superior de piano no Conservatorio.



2

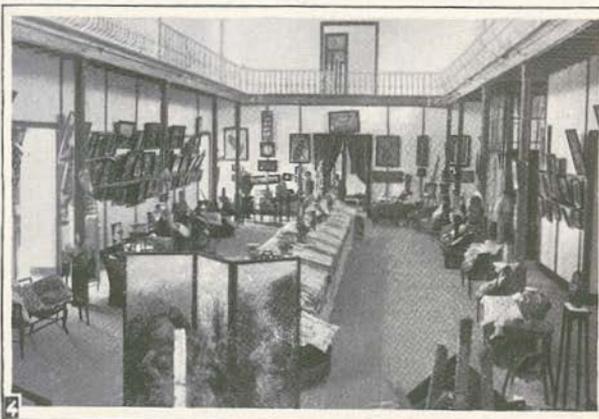
A sr.ª D. Emilia de Souza Costa, escritora muito distinta, é autora do novo livro *Aventuras d' Polichineto*, que, como as *Historias Maravilhosas*, dedica ás creanças. É uma leitura tão amena que até os adultos a lêem com grande prazer, recordando-se com saudade do seu tempo de infancia.



3

A sr.ª D. Adelaide da Conceição Fernandes d'Oliveira, filha do distinto jornalista portuense sr. Julio d'Oliveira, que no ultimo anno letivo concluiu o curso de ciencias do Liceu Alexandre Herculano do Porto, revelando-se sempre uma estudante intelligente e trabalhadora.

Exposição de arte applicada. — Nos Desportos de Bemfica realiso-se uma exposição de arte applicada que foi muito concorrida, especialmente por senhoras que admiraram os trabalhos expostos, cujo conjunto impressionava agradavelmente. A exposição comprehendia 354 trabalhos devidos a outras tantas expositoras, admirando-se entre elles lindis-



4

simas pinturas e miniaturas, e algumas esculpturas e desenhos que merecer m destaque pelo seu esplendido acabamento.

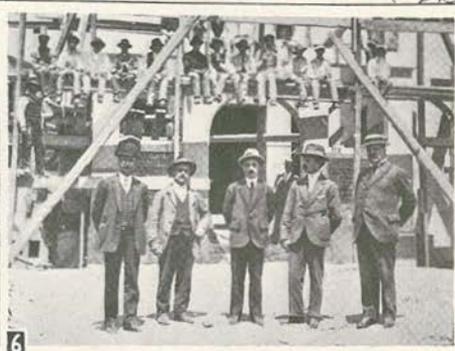
Todos os expositores receberam calorosos aplausos dos visitantes, que assim manifestaram a sua simpatia pelas gentis senhoras que concorrem em grande numero a tto de delicado e primoroso certamen

Um aspecto da exposição de arte applicada nos Desportos de Bemfica



5

O edificio em construção para a escola parochial de Alcantara na Tapada da Ajuda



6

O sr. dr. João de Barros, director geral da instrução primaria com os arquitetos e construtores da escola



Dr. Cristovão Castilho de Souza Pereira.

O dr. Cristovão Castilho de Souza Pereira, que foi um estudante muito distinto, defendeu com brilhantismo a sua interessantissima tese de conclusão do curso medico, obtendo o maximo de valores. O novo medico era estimadissimo na faculdade que frequentou pelo seu comprovado talento e qualidades pessoais. A tese do dr. Souza Pereira, estudada conscienciosamente, intitula-se *Docimasia Pulmonar*.

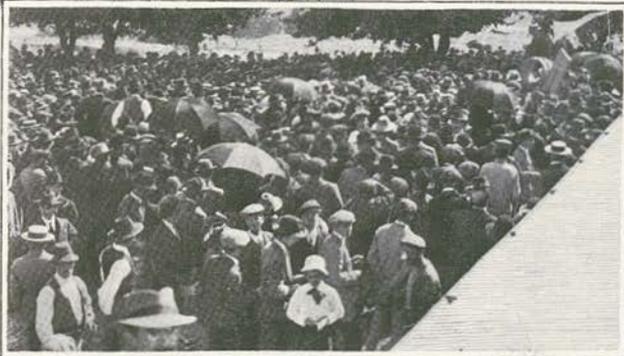


Dr. Mario Garcia da Silva

O dr. Garcia da Silva concluiu brilhantemente e este ano o seu curso de medicina. A sua tese, intitulada *A seleção espartana na sociedade de hoje* é um trabalho que o honra a ele e á faculdade de medicina de Lisboa. Pelo seu curso e pela sua tese, deve ser coroado de triumphos a carreira do novo medico, que continua a trabalhar apaixonadamente para seguir todas as momentosas questões que se prendem com a ciencia que vae professor.

A carestia da vida

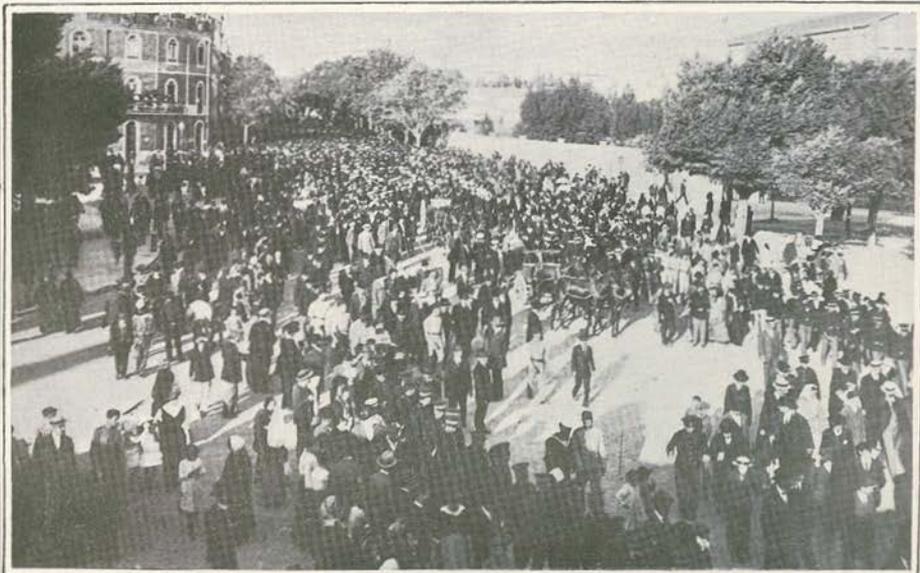
Para dar conta ao povo das resoluções tomadas no Congresso Popular reunido no teatro de S. Carlos, realiso-se na Avenida da Liberdade, no dia 1 do corrente, um co-



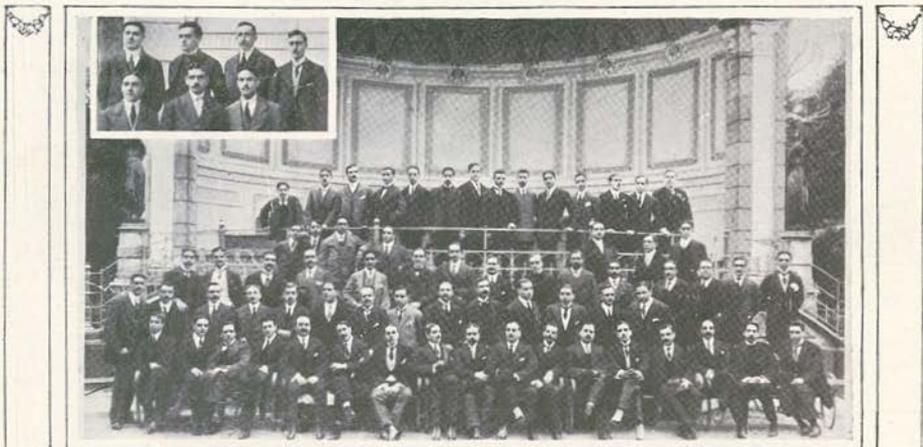
Aspeto do comicio contra a carestia da vida

(Cliché Benoitel).

micio que esteve muito concorrido e no qual foi votada com entusiasmo uma representação em que se pede ao parlamento a aprovação dos projetos aprovados n'aquelle Congresso relativos á carestia da vida.



Um aspeto do funeral dos sargentos assassinados por um cabo no regimento de engenharia. A chegada ao cemiterio.—(Cliché Benoitel).



Antigos alunos do collegio de Santa Maria que renhrãram n um banquete de confraternisação que se realisou no Palacio de Cristal do Porto.—(Cliché dos fotografos srs. Saigado & Pinto)



2. O sr. visconde de Vila Moura, muito distinto escritor, que, n'um «splendido volume intitulado «Antonio Nobre», trata da vida, genio e obra d'aquella inolvidavel poeta com a proficiencia e brilho que em outras obras tem manifestado — 3. O sr. dr. Artur da Mota Alves, novo adm nistrador do concelho de



Amarante e que conta inumeras sympathias no seu concelho. Formou-se ha tres annos em Direito na Universidade de Coimbra e tem exercido com grande brilho a advocacia—4. O sr. Correia da Costa autor da conferencia «Hocage» a o seu romance, ultimamente publicada 5. O quintanista de Direito da Universidade de Coimbra, dr. Antonio Faria Fonseca, expulso por dois annos, ultimamente indultado a pedido d'uma comissao de estudantes das Universidades de Coimbra e Lisboa—6. O sr. Virgilio Paiva Santos, socio gerente do Casino Peninsular da Figueira da Foz—7. O Jardim de Inverno do Casino da Figueira da Foz—(Cliché) do sr. Pereira Monteiro).

A "MUNDIAL"

E AS SUAS DELEGAÇÕES



1. A delegação no Funchal estabelecida nos escritórios dos banqueiros Blandy Brothers—(Cliché Ferestreiro & C.) — 2. A delegação no Porto estabelecida na casa bancaria Finio, Fonseca & Irmão, da praça D. Pedro IV—(Cliché Alvão)—3. Escritorio agencial na rua do Comercio em Lisboa—(Cliché Benoliet)

O desenvolvimento que os serviços da companhia de seguros **A Mundial** continuam tomando é cada vez maior. Além

veis negociantes. Todos os seus serviços, tanto medicos como de escritorio, estão a cargo de pessoal habilitadissimo, funcionando com

das instalações da sua séde, no palacio da rua Garrett, acaba de inaugurar, na rua do Comercio, o seu escritorio Agencial que bons serviços já presta ao commercio; no Porto são seus delegados os acreditados banqueiros PintodaFonseca & Irmão; no Funchal a casa bancaria Blandy & Brothers é a delegada d'esta importante companhia e por todo o paiz estão espalhadas agencias a cargo de respeita-

extraordinaria competencia, devido á muita dedicaçáo, saber e intelligencia de todos os directores, devendo destacar-se o muito zelo e superiores conhecimentos das industrias deseguros do intelligente director delegado sr. Eduardo Placido. Muito brevemente o publico terá conhecimento de muitas outras vantagens que **A Mundial** se propõe e conceder aos seus segurados.



A séde da Companhia na Rua Garrett
(Cliché Benoliet).

Uma festa elegante no Porto



Na Centro Hípico do Porto realisou-se ha pouco um *garden-party* que resultou brilhantissimo, devido aos esforços n'esse sentido empregados pela direcção, que muito se empenhou porque essa festa constituiu-se, como constituiu, um notavel acontecimento sportivo e elegante.

No local, que é um dos mais pitorescos e apraziveis do Porto, reuniram-se numerosas familias da primeira sociedade, avultando as senhoras, nas suas *toilettes* encantadoras.

Sobre um largo tapete, colocado á sombra de copadas arvores, senhoras e rapazes dançaram animadamente, ao mesmo tempo que, no *court* do *tennis*, outros grupos jogavam com *entrai* e o distinto *sportsman*, João Andresen, no campo respectivo, experimentava admiraveis saltos, montado na sua nervosa e gaa saltadora.



1. Tomando refrescos á sombra—2. Dançante—3. A dança em roda—(Tichês do distinto fotografo Cardoso).

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD

Sem Opio nem Morphina

Muito eficaz contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.

36 Anos de Bom Exitto. — Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Dombasle, 6
PARIS

8 BOAS PHARMACIAS

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; reumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & C^o, Succes.**,
Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.



Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE 42777-LISBOA



PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótímo efeito.

Preço: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as recusitar. A importancia póde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do índice e trontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SÉCULO"

Kua do Seculo, 43
LISBOA



POLICIA PARTICULAR

INSTITUTO especial para informacões, investigacões e vigilancia de pessoas. RUA DO REGEDOR (ao Caldas) 9. re — LISBOA

M OZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.^a
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
LISBOA

Trabalhos de Zincogravura,
Impressão e

Fotogravura, Stereotipia,
Composição

FAZEM-SE NAS
OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposiçã do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcédível perfeição

Stereotipia

De toda a especie de
composição

Composição

e impressão

De revistas, illustrações
e jornaes diarios
da tarde ou da noite.

Zincogravura

e **Fotogravura**

Em zinco simples de 1.^a
qualidade, cobreado
ou nicklado

Em cobre.

A cores, pelo mais
recente processo — o de
trichromia.

Para jornaes, com tra-
mas especiaes para este
genero de trabalho.

OFICINAS DA

Ilustração

Portuguesa

RUA DO SÉCULO, 43

F. H. D'OLIVEIRA & C.^A (Irmão)

Filiaes das secções de

Drogas, Tintas, Perfumarias, Produtos quimicos e Farmaceuticos
NACIONAES E ESTRANGEIROS

Ferragens, Ferramentas, Utensilios e Cutelarias

Folha de Flandres, chapa de ferro zincado e canelado, arame de enfardar,
estanho, chumbo, etc., etc.



MATERIAES DE CONSTRUÇÃO, CAL, AREIA, TELHA, TIJOLO

*Cimentos, Pozolanas, azulejos,
ladrilhos, artigos sanitarios e de ornamentação*

Telefone 178

1, Rua do Comercio, 13

End.° Teleg.° MATERIAES

33, — Rua da Madalena — 39

LISBOA